

Canoas, n. 50, 2022.

 <http://dx.doi.org/10.18316/dialogo.v0i50.8935>

A família e a escola em tempos de pandemia: orientações para auxiliar os estudos dos filhos em casa

Keila Araújo¹

Jefferson Rodrigues Silva²

Resumo: A Covid-19 fez com que as famílias procurassem meios para auxiliar os filhos em seus estudos *online*, a fim de que sua aprendizagem não fosse interrompida. O presente artigo teve como objetivo identificar as dificuldades enfrentadas no processo de ensino-aprendizagem a partir dos lares. Sintomas como depressão e estresse causados pela falta de convívio social puderam ser identificados. Durante a análise dos resultados, três categorias foram concebidas: apreensão no que concerne à saúde (física e/ou mental) dos estudantes, preocupação em relação à aprendizagem do filho/a e como motivar os filhos no período de ensino remoto. A partir dos dados gerados, foi possível obter elementos para a elaboração de um roteiro de orientação com o intuito de auxiliar outras famílias. Os resultados obtidos sugerem caminhos possíveis para orientar e motivar os filhos e como isso se tornou importante durante o ensino *online*, além do apoio e acolhimento das instituições de ensino às quais os alunos fazem parte.

Palavras-chave: Família; Educação; Covid-19; Motivação; Ensino Remoto; Agentes da Educação.

The family and the school in times of pandemic: guidelines to assist the studies of children at home

Abstract: Covid-19 has made families search for ways to assist their children in their online studies, so their learning should not be interrupted. The present article aimed to identify the difficulties faced in the teaching-learning process from the homes. Symptoms such as depression and stress caused by the lack of social interaction could be identified. During the analysis of the results, three categories were conceived: apprehension regarding the students' health (physical and/or mental), concern about the child's learning, and how to motivate students in the remote teaching period. From the data generated, it was possible to obtain elements for the elaboration of an orientation guide with the intention of helping other families. The results obtained suggest possible ways to guide and motivate pupils and how it has become important during online teaching, as well as the support and welcoming of the educational institutions to which the students belong.

Keywords: Family; Education; Covid-19; Motivation; Remote Learning; Agents of Education.

1 Especialização Stricto Sensu em Linguística Aplicada pela UnB, em Docência com Ênfase na Educação Básica pelo IFMG (2021) e em Códigos e Linguagens com Ênfase no Ensino Médio UnB. Graduação em Comunicação Social (Jornalismo) pela UCB e em Letras (Português/Inglês) pela UCB. Atua como professora de Inglês na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) desde 2000, sendo professora do Centro Interescolar de Línguas de Ceilândia desde 2009. E-mail: <keila.dos.santos@gmail.com>

2 Professor do Departamento de Engenharia Mecânica do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG), Campus Arcos, Brasil. Doutorando em Educação pela Universidade de Girona (UdG), Espanha. Membro do Grup de Recerca en Educació Científica i Ambiental (GRECA) da UdG. E-mail: <jefferson.silva@ifmg.edu.br>.

Introdução

Em janeiro de 2020, a Covid-19 foi reconhecida como pandemia mundial, o que modificou relações em diferentes âmbitos, tais como trabalho, política, relações sociais (HENDRICKSON, 2020). De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde — OPAS:

O primeiro semestre de 2020 foi marcado pela pandemia da COVID-19. A pandemia teve seu reconhecimento por meio da Declaração de Emergência em Saúde Pública de Importância Internacional pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 30 de janeiro de 2020, e pelo governo do Brasil por meio da Portaria nº 188/GM/MS, de 3 de fevereiro de 2020 (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, [2020]).

A situação não foi diferente em escolas e lares brasileiros, quando, de maneira abrupta, professores e estudantes viram-se forçados a interagir de forma virtual, ao trocar o espaço concreto das instituições escolares pelo meio *online* proveniente de suas casas. A Portaria nº 343, de 17 de março de 2020, estabeleceu o Ensino Remoto Emergencial no país quando dispôs “[...] sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19”. (BRASIL, 2021).

Diante de tais circunstâncias, toda a comunidade escolar foi afetada pela pandemia. Neste contexto, é importante entender que alunos e professores não são os únicos entes presentes no processo de ensino-aprendizagem. De acordo com Almeida Filho (2011), responsáveis e familiares possuem o seu lugar dentro deste processo, os assim denominados terceiros agentes: “[...] agentes que não são professores nem alunos como, por exemplo, autores do material adotado, coordenadores de área, diretores, criadores de franquias, pais de alunos crianças ou muito jovens [...]”. (ALMEIDA FILHO, 2011, p. 115).

Posto isso, percebemos que os familiares desses alunos também se viram obrigados a fazer parte da adaptação em meio à pandemia. Essa situação é retratada não apenas em território brasileiro, mas também em nível internacional, como retrata pesquisa realizada no Paquistão:

Pais preocuparam-se com a grande mudança que seus filhos haviam tido ao passar por uma abrupta transição das aulas físicas para as *online* [...]. A disciplina que as crianças aprendem enquanto se preparam para a escola, engajadas em várias atividades, usando diferentes métodos para aprender as matérias em aula é difícil de ser mantida quando a educação passou a ser remota” (BHAMANI, MAKHDOOM, *et al.*, 2020, p. 16, tradução nossa).³

Percebemos o quanto a tarefa de auxiliar os estudos dos filhos durante o ensino *online* tornou-se desafiadora para as famílias. Outrossim, atentar-se para sintomas como o esgotamento profissional ou *burnout* dos professores (RODRIGUES-SILVA, 2020) e também de depressão e desmotivação transpareceram como algo crucial nas relações familiares neste período. No que concerne à desmotivação, caracterizada pelo aluno que não enxerga nenhum motivo, nenhum valor para fazer algo e, neste caso, não vê porque estudar (GARDNER, 2007), é preciso que se entenda a necessidade de que essa condição seja combatida dentro das casas dos aprendizes. Assim os familiares devem:

[...] construir, em seus lares, um ambiente com condições básicas de motivação, o que propiciará o desenvolvimento de uma motivação inicial no adolescente. Ademais, os pais deverão manter e proteger esse ambiente motivacional em suas casas (ARAÚJO, 2020, p. 59).

³ Texto original: Parents were concerned that a major change their kids have had to see is an abrupt transition from physical classes to online classes [...]. The discipline that kids learn while getting ready for school, engaging in various activities, using different methods to learn their subjects in classes is difficult to maintain when education has become remote.

Trata-se, portanto, de não deixar que o afastamento da escola física afaste também a vontade de aprender, o desejo de crescer como cidadão e estudante. É necessário que se busque modos para que não se perca de vista o que realmente importa. Para tanto, Dörnyei (2003) fala em procurar um clima motivador para a sala de aula. Vemos atualmente que a sala de aula entrou em nossos lares, por isso, é imprescindível que se torne este ambiente também um lugar motivador.

Ademais, a pandemia mostrou-se tão inesperada quanto perversa, visto que nem todos os estudantes possuíam acesso à tecnologia, o que demonstra a necessidade de que haja mudanças no paradigma educacional referente à inclusão da escola na cultura digital. (MORAIS e FAGUNDES, 2011) e (TEIXEIRA, 2014). Isso revela desigualdades sociais em seu cerne e, a esse respeito, trazemos pesquisa feita pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e Comunicação (Cetic.br). Essa pesquisa mostrou que, em 2018, 86% da população brasileira era composta de usuários jovens, entre nove e dezessete anos. Entretanto, o estudo afirma que: “[...] ainda persistem desigualdades de acesso e no uso das tecnologias. A proporção de crianças e adolescentes usuários de Internet foi maior entre as classes AB (98%) e C (94%) do que nas classes D e E (73%)”. (MARTINHÃO, 2019).

Outrossim, a pesquisa também mostra a expansão do uso de aparelhos celulares como forma de acesso à internet: “[...] cerca de 22,7 milhões de crianças e adolescentes brasileiros acessavam a rede por meio do celular, o que equivale a 93% de usuários de Internet entre 9 e 17 anos do país [...]”⁴. Esse dado esconde outra face da desigualdade brasileira, já que:

Entre os fatores que podem explicar o avanço do uso de dispositivos móveis por crianças e adolescentes em todas as faixas de renda está a disponibilidade de modelos a custo mais acessível e a variedade de funcionalidades do celular, que permitem acesso a recursos midiáticos e de comunicação. No entanto, embora o dispositivo exerça papel importante na ampliação do acesso à Internet, a qualidade e a frequência dessa conexão levam a questionamentos sobre o efeito dessa adoção para o aproveitamento de oportunidades *on-line*⁵.

Neste contexto, quais seriam, portanto, os meios possíveis para auxiliar os familiares na educação de seus filhos em casa? Muitos desses responsáveis não possuíam conhecimento na área digital, como poderiam, então, ajudar os estudantes? Faz-se, por conseguinte, necessário que estudos na esfera acadêmica venham investigar tal situação e, assim, produzir material capaz de auxiliar os alunos.

À vista disso, a presente pesquisa foi realizada em escolas públicas do Distrito Federal /DF, onde o governo local optou por permanecer exclusivamente com o ensino remoto desde o início do fechamento dos estabelecimentos de ensino em virtude da pandemia. A investigação teve como objetivo compreender como as famílias agiram frente aos desafios de auxiliar os filhos em seus estudos em casa durante este período. Por conseguinte, objetivou-se identificar as dificuldades enfrentadas pelos familiares, bem como investigar as ações e ferramentas que tais famílias se muniram para auxiliar os estudantes em um momento atípico para todos. Com as soluções encontradas por meio da análise de dados, um roteiro com sugestões (constante em Apêndice B) foi elaborado e disponibilizado virtualmente no endereço: <<https://padlet.com/keiladossantos/Bookmarks>>, com o intuito de orientar outros familiares. A seguir, empreendemos, o capítulo referente à metodologia adotada.

Metodologia

Esta pesquisa acadêmica possui natureza quali-quantitativa, também chamada de mista. Ela possui

4 *Ibidem*, p.114.

5 *Ibidem*, p.113.

elementos descritivos (parte quanti) e exploratórios (parte quali). Por se destinar não apenas a responder, mas também interagir com um problema, oriundo das implicações da Covid-19 no processo de ensino-aprendizagem, e almejando propor ações no intuito de amenizar ou resolvê-lo, ela se caracteriza como uma pesquisa de natureza aplicada, de caráter interpretativista. A respeito dessa característica interpretativa, Denzin e Lincoln (2006) afirmam que o pesquisador: “[...] edita e reúne pedaços da realidade, um processo que gera e traz uma unidade psicológica e emocional para uma experiência interpretativa” (DENZIN e LINCOLN, 2006, p. 18).

O método de pesquisa utilizado consistiu em estatística descritiva combinada com resultados da qualitativa, cujo método é a teoria fundamentada em categorias induzidas e para desenvolvimento da teoria a partir da análise por comparações múltiplas de textos dos participantes (CORBIN e STRAUSS, 2008).

Optamos, em decorrência da necessidade de afastamento social, por utilizar como instrumento de pesquisa aplicado um questionário *online* “com o objetivo de investigar, entre outros, opiniões, crenças, valores e vivências” (CAVALCANTI, 2007, p. 70). Este foi traduzido e adaptado de Parentkind, [2020] e de The School Bus, [2020] e apresentado sob a forma de um formulário *online* disponibilizado por um período de 15 dias para que fosse respondido. As perguntas do questionário foram divididas em duas sessões: a primeira, destinada a traçar as características da amostra, possuía 7 perguntas; já a segunda, relativa ao ensino remoto emergencial, era constituída de outras 7 perguntas. Essas 14 questões eram fechadas (ou fixas), visto que ofereciam aos participantes escolher uma opção dentre um conjunto de alternativas dadas.

Ademais, no mesmo formulário, constava uma entrevista escrita assíncrona estruturada com duas perguntas abertas, como forma de obter livre expressão dos respondentes com o intuito de qualificar pontos abordados nas perguntas fechadas ou explorar novos panoramas não previstos (CORBIN; STRAUSS, 2008). Ao contrário das questões fixas, as perguntas abertas não oferecem opções predeterminadas de respostas, o que permite a livre expressão de pensamento por parte de quem as responde. Desse modo, o respondente:

Tem assim a ocasião para exprimir seu pensamento pessoal, traduzi-lo com suas próprias palavras, conforme seu próprio sistema de referências. Tal instrumento mostra-se particularmente precioso quando o leque das respostas possíveis é amplo ou então imprevisível, mal conhecido. Permite ao mesmo tempo ao pesquisador assegurar-se da competência do interrogado, competência demonstrada pela qualidade de suas respostas (LAVILLE e DIONNE, 1999, p. 186).

A seleção dos participantes não aplicou critérios de inclusão/exclusão, aceitando todas as respostas registradas. A adesão ocorreu de forma voluntária, visto que tais participantes só puderam dar continuidade respondendo ao instrumento de pesquisa caso fizessem eletronicamente voluntariado e ciência das condições de participação na investigação científica.

No que tange à amostra do estudo, essa consistiu em 54 sujeitos de pesquisa, pais e familiares de alunos de diversas escolas públicas do Distrito Federal / DF. Afora isso, verificou-se uma concentração geográfica quase que total (96%) de entrevistados moradores da cidade de Ceilândia /DF. Além disso, mais da metade dos responsáveis (51,9%) declarou não estar trabalhando no momento da coleta de registros; os demais responsáveis apresentaram respostas como: estar estudando, fazendo “bico” ou não especificaram qual era a função exercida.

Sobre a renda familiar, aproximadamente 70% dos entrevistados afirmaram possuir uma renda mensal de 1 a 4 salários mínimos (38,9% recebem um salário e 35,2% de dois a quatro). Os demais, 13%, responderam que recebem menos de um salário mínimo e outros 13%, mais de quatro salários por mês. A maioria (20 entrevistados) disse que 4 membros residiam em suas casas, enquanto o restante declarou morar de 2 a 6 pessoas em seus lares.

A seguir, apresentamos os resultados obtidos a partir da análise dos dados coletados.

Resultados

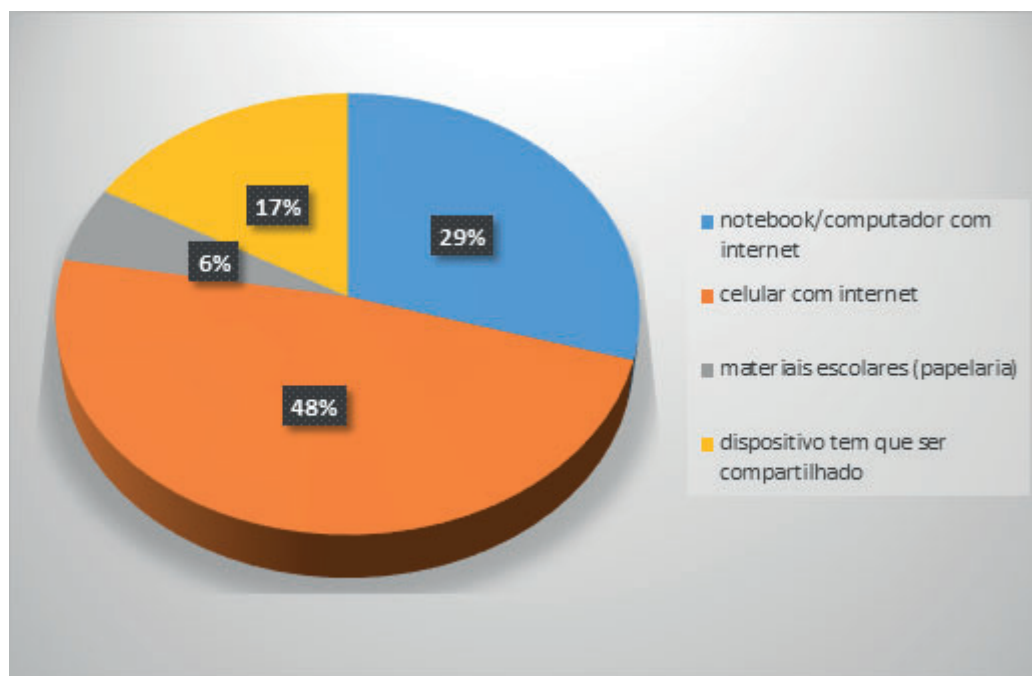
Nesta seção, apresentamos os resultados obtidos a partir de três categorias concebidas: a apreensão no que concerne à saúde (física e/ou mental) dos estudantes, a preocupação em relação à aprendizagem do filho/a durante a pandemia e a motivação dos filhos no período de ensino remoto durante a pandemia.

Primeiramente, apresentamos resultados referentes ao questionário aplicado (constante em Apêndice A), com a apresentação das formas de acesso à internet nas casas dos participantes da pesquisa, bem como o tempo de seu uso por parte dos estudantes e os respectivos dispositivos utilizados para tal fim. Além disso, discorreremos sobre o tempo que é destinado à realização das tarefas escolares e à supervisão dessas pelos responsáveis, antes e depois da pandemia.

Em relação aos itens aos quais os estudantes têm acesso em casa, a maioria, 48,1%, afirmou que celulares com conexão à internet são usados durante o período de estudo, enquanto 29,6% utilizam computador / notebook com acesso à rede para o mesmo fim. Como visto na introdução desta investigação, percebe-se que classes mais privilegiadas disponibilizam computadores / notebooks para seus filhos, o que lhes dá mais vantagens em relação às classes sociais inferiores, visto que a tela do aparelho é maior e a qualidade do acesso à rede Wi-Fi melhor. Ademais, no que concerne à presente pesquisa, 16,7% dos entrevistados declararam que seus filhos precisam compartilhar o dispositivo que utilizam com outra pessoa para a realização das tarefas escolares, o que reforça ainda mais a característica marcante da desigualdade social no Brasil na área tecnológica referente à educação.

A figura 2 ilustra quais dispositivos são utilizados pelos estudantes, filhos dos participantes da pesquisa:

Figura 2 — Tipo de aparelho eletrônico utilizado pelos estudantes durante o ensino remoto



Fonte: os próprios autores.

Em relação ao tempo usado pelos estudantes para as atividades escolares, a maior parte dos familiares (57,4%) acredita que o tempo dedicado pelos filhos aos estudos seja adequado, enquanto que 35,2% creem que seja pouco. Todavia, nenhum participante declarou que seus filhos fiquem menos de uma hora por dia envolvido com suas tarefas, já que as respostas para este item mostraram que os alunos usam de uma a seis horas ou mais para os estudos.

Por outro lado, quando questionados a respeito do tempo em que o estudante é supervisionado por um adulto, a maioria (38,9%) respondeu que destinava de 30 minutos a uma hora por dia, a opção com menos horas do questionário, enquanto 20,4% dos entrevistados afirmou que o filho não é acompanhado por ninguém. Como 42 familiares (77,8%) considera-se comprometido com os estudos dos filhos e apenas 11,1% disseram ser pouco comprometidos, pressupõe-se que a falta de supervisão ocorra não por descuido, mas por outros fatores (como acúmulo de tarefas domésticas e/ou relacionadas ao serviço do responsável, por exemplo).

No que diz respeito à pandemia, 61,1% dos familiares não viram mudanças em seu nível de comprometimento em relação aos estudos dos filhos, o que demonstra que os participantes da pesquisa já se viam preocupados com o seu rendimento mesmo antes da Covid-19. Outros 16,7% disseram estar menos comprometidos agora do que antes e 20,4% sentem que estão mais comprometidos agora.

No tocante às perguntas abertas, as respostas dadas mostram o grande temor que assola as famílias devido às consequências referentes ao isolamento vivido por causa da pandemia. Além do mais, eles mostram como se tornou imprescindível motivar os jovens estudantes em casa. Afora isso, os dados analisados trouxeram experiências concretas do que fazer para auxiliar os filhos em seus estudos e, assim, levantar elementos para ajudar na composição do roteiro (constante em Apêndice B) com o intuito de assistir outras famílias.

A partir dos dados obtidos, apresentamos o seguinte quadro com o objetivo de sintetizar seus resultados:

Quadro 1 — Resultados observados após análise dos dados:

Categoria	Frequência	Trechos
Preocupação em relação aos estudos do filho/a durante a pandemia	59%	<p>“O prejuízo na aprendizagem, visto que o ensino a distância tá longe de contemplar o conteúdo [...]”. (FAMILIAR06, 2021).</p> <p>“O ensino remoto nem sempre alcança os seus objetivos [...]”. (FAMILIAR07, 2021).</p> <p>“No momento a falta das aulas presenciais está afetando a minha filha [...]”. (FAMILIAR08, 2021).</p> <p>“Dificuldade em aprender, não acompanha as aulas online”. (FAMILIAR18, 2021).</p> <p>“Minha preocupação na realidade com tudo isso é o futuro das minhas filhas, o quanto elas estão ficando prejudicadas academicamente [...]”. (FAMILIAR38, 2021).</p> <p>“Estou preocupada com o desempenho e com o futuro, pois há uma grande deficiência no ensino remoto”. (FAMILIAR42, 2021).</p> <p>“Minha preocupação é que ele não consiga aprender o suficiente”. (FAMILIAR49, 2021).</p> <p>“Defasagem escolar”. (FAMILIAR51, 2021).</p>

Preocupação em relação à saúde (física ou mental) do aluno/a e em relação ao distanciamento do ambiente escolar (convívio com outros alunos)	50%	<p>“Meu filho tem muita ansiedade, e só quer ficar no quarto trancado, ele faz as atividades mas vejo ele muito triste então isso me preocupa muito [...]”. (FAMILIAR35, 2021).</p> <p>Preocupação com o contato coletivo, as experiências fantásticas que está perdendo. Muito receio do vírus e da integridade física e mental do meu filho. (FAMILIAR20, 2021).</p> <p>“[...] Me preocupo também com a saúde mental (ansiedade e ociosidade) e física (sedentarismo)”. (FAMILIAR06, 2021).</p> <p>“O adolescente não tem motivação sem o convívio social para os estudos”. (FAMILIAR31, 2021).</p> <p>“Falta dos colegas”. (FAMILIAR39, 2021).</p> <p>“Falta de convívio social e atividades esportivas”. (FAMILIAR41, 2021).</p> <p>“[...] Me preocupo ele ser contaminado, mas me preocupo também pela ansiedade de voltar à escola pois ele tá sentindo muita falta [...]”. (FAMILIAR54, 2021).</p> <p>“Falta de convívio (isolamento)”. (FAMILIAR14, 2021).</p> <p>“[...] Também me preocupo com a falta de interação do meu filho com os outros colegas de classe, nesse caso a sua interação social, pois meu filho não gosta muito de se comunicar pelo WhatsApp”. (FAMILIAR40, 2021).</p>
--	-----	--

A partir dos resultados obtidos, empreendemos, a seguir, as discussões relativas a esses resultados.

Discussões

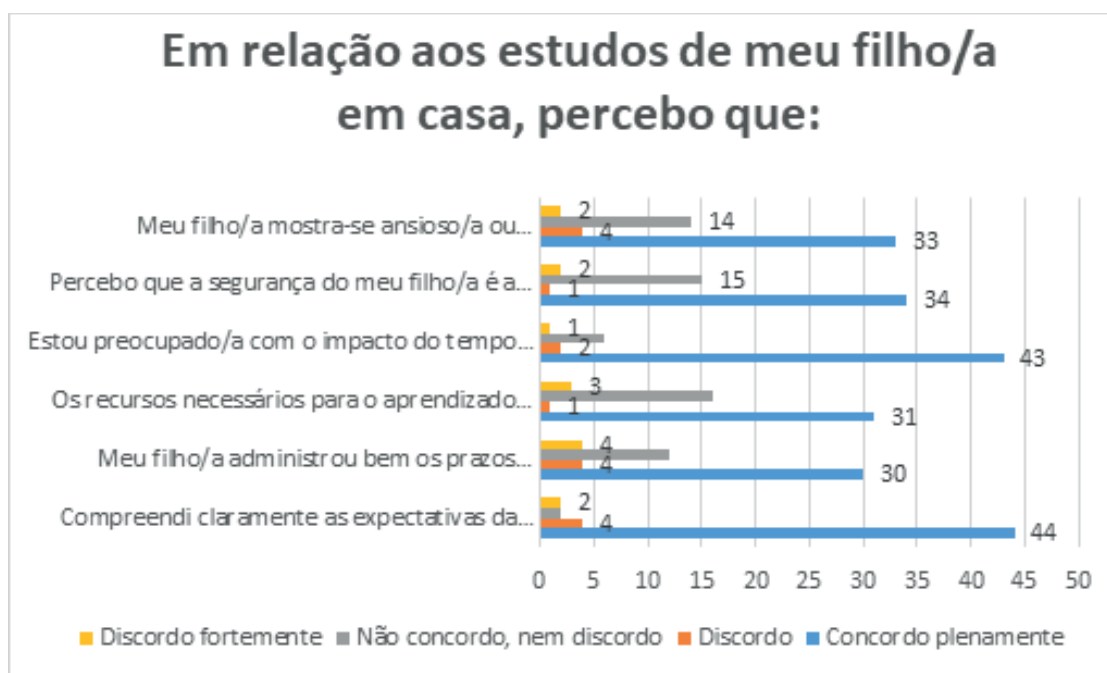
Observamos, com base nos dados gerados, que três categorias foram concebidas: a apreensão no que concerne à saúde (física e/ou mental) dos estudantes, a preocupação em relação à aprendizagem do filho/a durante a pandemia e a motivação dos filhos no período de ensino remoto durante a pandemia.

Em relação à primeira categoria, os dados revelaram o quanto os responsáveis sentem-se apreensivos no que diz respeito ao bem-estar dos estudantes. A maior parte dos participantes, 42 familiares, esboçou estar preocupado/a com o impacto do tempo longe da escola física na educação do filho/a.

Ademais, eles depreendem os efeitos negativos do modo de ensino *online* imposto aos estudantes devido à pandemia. É importante ressaltar que as aulas no Distrito Federal ocorrem de forma remota na rede pública desde março de 2020, início da pandemia, até o momento presente. Portanto, há uma preocupação familiar relacionada ao tempo prolongado em que os estudantes estão nesta modalidade.

Muitos pais mostraram-se temerosos em relação a essa situação, como podemos perceber nos relatos colhidos. Percebemos, ainda, pelas respostas dadas, uma grande preocupação em relação à perda do convívio social dos estudantes, já que os dados analisados revelaram uma inquietação constante no que se refere ao distanciamento vivido pelos alunos no tocante ao ambiente escolar. Sintomas como: ansiedade, tristeza, falta de motivação e estresse, por exemplo, esboçam o sentimento de apreensão dos familiares. Em relação ao último sintoma, estudos revelam que mudanças no ser humano como um todo “[...] ocorrem quando surge a exigência de uma mudança/adaptação considerável a um evento ou situação de importância” (MENEGETTI, TESTON e FILIPPIM, 2016, p. 66) Tais informações podem ser visualizadas no gráfico a seguir:

Figura 3 — O estudo em casa durante a pandemia



Fonte: os próprios autores.

O temor relativo ao impacto do tempo longe do ambiente escolar não é infundado: além de prejuízos no que diz respeito à educação dos filhos, a existência de casos como o relatado pela Familiar 35 revelam como a situação é alarmante: “Meu filho tem muita ansiedade, e só quer ficar no quarto trancado, ele faz as atividades mas vejo ele muito triste então isso me preocupa muito [...]”. (FAMILIAR35, 2021). Faz-se necessário que ações governamentais sejam postas em prática no intuito de buscar medidas assistenciais de profissionais de áreas como saúde e orientação escolar (com psicopedagogos) para assistir os estudantes e suas famílias.

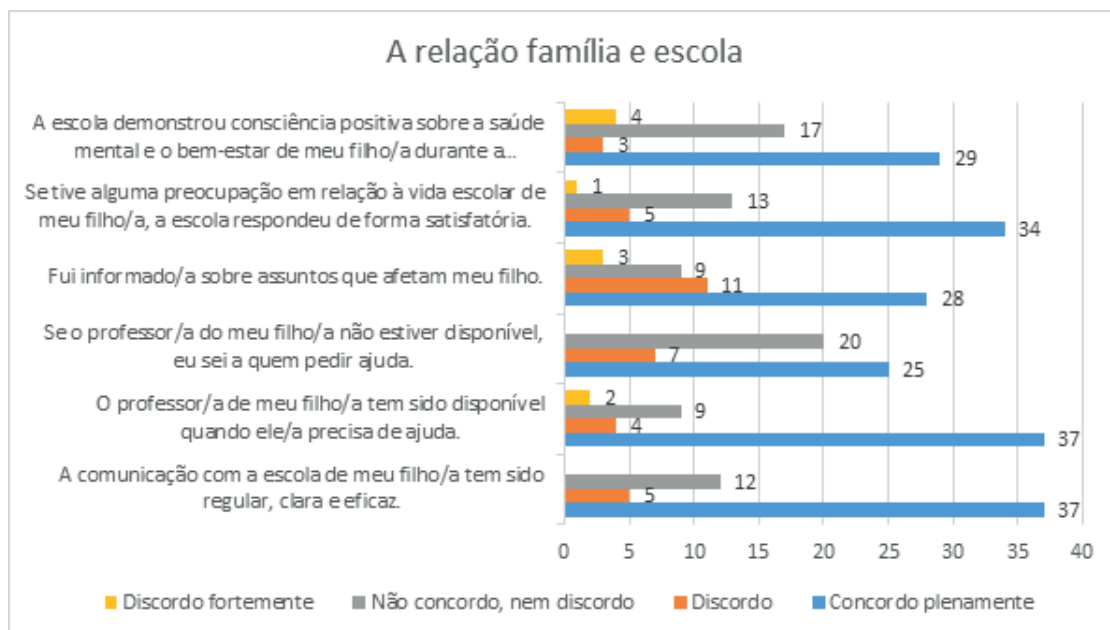
Depreendemos, portanto, como a condição em que as famílias se encontram tornou-se séria. Ainda assim, percebemos, pelos comentários dados, que a falta de convívio com os colegas de classe iguala-se à preocupação com a contaminação pelo coronavírus: “A melhor forma de garantir a saúde dos nossos filhos é ficar em casa. Se cuidar”, conclui a Familiar30.

Muitos se mostraram apreensivos no que tange à saúde dos filhos em retornar às atividades escolares sem que haja vacina para a população estudantil. Mesmo assim, há um temor constante nas respostas dadas sobre a defasagem em relação ao aprendizado dos estudantes durante a pandemia. Os familiares entendem que existem muitas perdas do ensino remoto em comparação ao ensino presencial e fica a dúvida, para estes agentes do ensino, de como será, futuramente, o retorno dos alunos às atividades escolares de forma presencial.

Neste contexto, como estaria a relação entre famílias e escolas? Em um primeiro momento, podemos ser levados a acreditar que também as instituições educacionais são criticadas, assim como o ensino *online*. Todavia, entendemos ser a escola um espaço de prática participativa, apta a educar o cidadão. (JUNG e SUDBRACK, 2016).

Nesse sentido, as informações apuradas mostram que tais instituições escolares aparentam, a partir da análise dos dados, terem tido a atitude necessária para acolher as famílias e, por conseguinte, os estudantes. Isso porque a maioria respondeu de forma positiva em relação a se sentir apoiada por elas, pois entendem que a segurança do filho/a é uma prioridade e pelo fato de a escola ter demonstrado consciência positiva sobre a saúde mental e o bem-estar dos alunos durante a pandemia da Covid-19, como podemos perceber no gráfico abaixo:

Figura 4 — Relação entre família e escola



Fonte: os próprios autores.

Afora todas as discussões levantadas até aqui, solicitamos às famílias participantes que nos dessem alguns exemplos do que faziam para ajudar os estudantes durante as aulas *online* com o objetivo de obter elementos para compor um roteiro, produto desta investigação, para auxiliar outras famílias. Este roteiro encontra-se em Apêndice B e no link: <<https://padlet.com/keiladossantos/Bookmarks>>.

A análise dos dados mostrou que, além de trazer ações práticas, os familiares perceberam o quanto era importante motivar os estudantes durante a ausência da escola física enquanto os estudos ocorriam de forma remota. As respostas dos familiares que se encontravam neste contexto estão no quadro a seguir:

Quadro 2 — Dados referentes à categoria *motivação*:

Categoria	Frequência	Trechos
Como motivar os filhos no período de ensino remoto durante a pandemia	22%	“Companhia, atenção, carinho, amor, paciência, diálogo [...]”. (FAMILIAR08, 2021). “[...] Acompanhar a alimentação e bem-estar da minha filha”. (FAMILIAR14, 2021). “Sempre estou presente”. (FAMILIAR17, 2021). “Acompanho, faço as atividades com ele, brincadeiras lúdicas e atividades ao ar livre. Trabalhar a mente para se sentir um pouco melhor”. (FAMILIAR20, 2021). “Procuo estar por perto, caso ela precise”. (FAMILIAR21, 2021). “Conversa motivacional para não desistir”. (FAMILIAR31, 2021). “Estou tendo muita paciência e dando o meu melhor”. (FAMILIAR33, 2021). “[...] motivação e apoio emocional”. FAMILIAR39, 2021). “[...] brincamos fazendo perguntas sobre o assunto que é estudado”. (FAMILIAR49, 2021). “Incentivando aos estudos”. (FAMILIAR53, 2021).

Vemos que os familiares entenderam o quanto o seu papel neste momento de pandemia foi crucial para que os filhos não desistissem. Uma das respostas resume bem essa atitude e ensina o que se deve fazer para se manter um ambiente motivacional em casa capaz de amparar os filhos em seus estudos a fim de se evitar maiores danos, como o abandono escolar:

- Auxilie no planejamento dos estudos...
- Reserve um ambiente adequado...
- Estabeleça uma rotina...
- Prepare o material escolar como antes...
- Converse com seu filho sobre as aulas... (Familiar 30).

Além de procurar motivar os estudantes, os familiares também trouxeram ações práticas para auxiliá-los, tais como:

1. Acompanhar o estudante pela plataforma;
2. Estar atento a possíveis dúvidas;
3. Buscar livros correspondentes;
4. Pesquisar o tema na internet;
5. Procurar aulas no Youtube;
6. Direcionar horários para os estudos;
7. Participar das reuniões de pais e acompanhar a programação da escola;
8. Orientar para que o estudante tire dúvidas com os professores;
9. Acompanhar as aulas pelo celular, ter os mesmos aplicativos usados pelo estudante para se familiarizar;
10. Incentivar a leitura, a escrita e a pesquisa.

Após a análise dos dados obtidos, empreendemos as considerações finais da pesquisa.

Considerações finais

Chegamos ao final dessa investigação científica certos de que a atitude dos familiares frente aos desafios impostos pela pandemia, com a necessidade do ensino remoto, foi fundamental para se evitar que a aprendizagem dos filhos fosse interrompida. Danos ainda maiores puderam ser minimizados, inclusive superando a falta de acesso tecnológico em muitos casos, ou mesmo o conhecimento a respeito de temas diversos. Saber entender a dificuldade, procurar meios para motivar, ainda que sem conhecimento prévio, e procurar ações práticas fizeram com que o estudo *online* fosse possível, mesmo que esta situação estivesse longe de ser a ideal para a aprendizagem dos filhos.

Esses terceiros agentes do ensino tomaram para si a tarefa de auxiliar seus filhos, sem desprezar a importância da escola e de seus professores. Nesse sentido, as escolas superaram as expectativas do início desta pesquisa, ao procurar recursos para apoiar e acolher, ainda que a distância, famílias e estudantes. Vale lembrar que a pesquisa procurou abranger um número maior de escolas públicas situadas no DF, não ficando restrita a uma única instituição de ensino. Destarte, os dados mostram que os familiares estão satisfeitos com o colégio em que o filho/a estuda de uma maneira geral, ou seja, a maior parte dos participantes avaliou de forma positiva as escolas da rede pública do DF, constantes nesta investigação.

Como vimos, o não ir à escola trouxe consequências relacionadas à saúde mental dos filhos, que sentem falta da instituição escolar e do convívio com os amigos. Não obstante, alertamos para a necessidade de se procurar meios para combater a depressão e o estresse causados pelo afastamento social e pela

quantidade excessiva de tarefas impostas aos estudantes. Essa ação não pode ser exclusiva das famílias, é importante que aja apoio institucional e governamental para tanto. Ademais, as respostas refletem o desconhecimento geral em como será o ensino quando as aulas presenciais forem retomadas.

Com esta investigação, esperamos que seu fruto, um roteiro com orientações para outras famílias — constante em Apêndice B, além de: <<https://padlet.com/keiladossantos/Bookmarks>>— possa auxiliar os que o lerem e atingir seu objetivo final: divulgar boas práticas para a aprendizagem daqueles que insistem em persistir, mesmo que a distância.

Referências

- ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Fundamentos de Abordagem e Formação no Ensino de PLE e de outras Línguas**. Campinas: Pontes, 2011.
- ARAÚJO, K. S. **QUANDO TERCEIROS ADQUIREM STATUS DE PRIMEIROS: PAIS NA FORMAÇÃO DE SEUS FILHOS APRENDENDO LÍNGUAS**. Brasília: Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2020. 181 p. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/38867>>. Acesso em: 18 junho 2021.
- BHAMANI, S. *et al.* Home Learning in Times of COVID: Experiences of Parents. **Journal of Education and Educational Development**, v. 7, n. 1, 09 setembro 2020. Disponível em: <<https://journals.iobmresearch.com/index.php/JoEED/article/view/3260>>. Acesso em: 10 junho 2021.
- BRASIL. Imprensa Nacional. **gov.br**, 2021. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>>. Acesso em: 3 julho 2021.
- CAVALCANTI, M. J. Pesquisa Aplicada na área de Português para falantes de outras línguas: procedimentos metodológicos. In: ALMEIDA FILHO, J. C. P.; CAVALCANTI, M. J. **Projetos Iniciais em português para falantes de outras línguas**. Campinas: Editora da UnB e Pontes, 2007. Cap. 4.
- CORBIN, J.; STRAUSS, A. **Basics of qualitative research: Techniques and procedures for developing grounded theory**. 3. ed. California: SAGE Publications, Inc, 2008.
- DÖRNYEI, Z. Attitudes, Orientations, and Motivations in Language Learning: Advances in Theory, Research, and Applications. **Language Learning - A Journal of Research in Language Studies**, Michigan, v. 53, n. 01, 2003. ISSN 0023-8333. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1467-9922.53222>>. Acesso em: 21 junho 2021.
- GARDNER, R. C. Motivation and Second Language Acquisition. **PORTA LINGUARUM - An International and Interuniversity Journal of Foreign Language Didactics**, Granada, 08 junho 2007. ISSN 16977467. Disponível em: <https://www.academia.edu/2695399/Motivation_and_second_language_acquisition>. Acesso em: 08 maio 2021.
- HENDRICKSON, C.; RILEY, L. R. The COVID-19 Pandemic and Transportation Engineering. **Journal Transportation Engineering**, v. 7, n. 146, [julho] 2020. Disponível em: <<https://digitalcommons.unl.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1202&context=civilengfacpub>>. Acesso em: 19 julho 2021.
- JUNG, S.; SUDBRACK, M. A educação como princípio para a participação democrática. **Diálogo**, Canoas, julho 2016. Disponível em: <<https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo/article/view/2238-9024.16.30/pdf>>. Acesso em: 19 julho 2021.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. A construção do Saber: Manual de Metodologia da Pesquisa em Ciências Humanas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- MARTINHÃO (COORD.), M. S. **TIC KIDS ONLINE BRASIL Pesquisa Sobre o Uso da Internet por Crianças e Adolescentes no Brasil - 2018**. Comitê Gestor da Internet no Brasil/cgi.br. São Paulo. 2019.

MENEGHETTI, A. W.; TESTON, S. D. F.; FILIPPIM, E. S. Estudo de caso de uma escola particular de Chapecó (SC): Implicações do estresse na qualidade de vida no trabalho. **Diálogo**, Canoas, agosto 2016. Disponível em: <<https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo/article/view/2238-9024.16.32/pdf>>. Acesso em: 19 julho 2021.

MORAIS, A. D.; FAGUNDES, L. C. A inclusão digital da Escola ou a inclusão da Escola na cultura digital? **Diálogo**, Canoas, n. 19, 2011. Disponível em: <<https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo/article/view/188/202>>. Acesso em: 19 julho 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. OPAS, [2020]. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/documentos/relatorio-tecnico-do-termo-cooperacao-no-87-territorios-saudaveis-e-sustentaveis-por-5>>. Acesso em: 30 junho 2021.

PARENTKIND. **Parent Kind - bringing together home and school**, [2020]. Disponível em: <<https://www.parentkind.org.uk/Research--Policy/Research/Coronavirus-Parent-Survey-2>>. Acesso em: 1 junho 2021.

RODRIGUES-SILVA, J. Síndrome de burnout em professores brasileiros. **Poiesis Pedagógica**, v. 18, p. 1–17, 2020.

THE SCHOOL BUS. The School Bus. **TheSchoolBus**, [2020]. Disponível em: <<https://hub4leaders.co.uk/learning-hub/resources/coronavirus-covid-19-parent-survey/coronavirus-covid-19-parent-survey/>>. Acesso em: 1 junho 2021.

TEIXEIRA, A. P. P. Acessibilidade digital para a educação inclusiva: desafios e oportunidades. **Diálogo**, Canoas, dezembro 2014. Disponível em: <<https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo/article/view/1661/1217>>. Acesso em: 19 julho 2021.

Submetido em: 19/07/2021

Aceito em: 21/11/2022